

## **Henrique E. Mindlin e Associados: a ética da eficiência e a escala da cidade**

Profa. Dra. Maria Cristina Cabral  
Doutora em História  
UFRJ/FAU/PROURB  
Rua Pires de Almeida 65 ap. 201  
Laranjeiras, Rio de Janeiro, RJ, 22.240-150  
Tel: (21) 9691 5415  
mariacristinacabral3@gmail.com

Prof. Dr. Carlos Eduardo Feferman  
Doutor em Urbanismo  
UFRJ/FAU/PROURB  
Rua Benjamin Batista 18/301  
Jd. Botânico, Rio de Janeiro, RJ, 22461-120  
tel: (21) 8711 4003  
carlos@unito.com.br

## RESUMO

### **Henrique E. Mindlin e Associados: a ética da eficiência e a escala da cidade**

“A rigor, o arquiteto, quando está preparado para o projeto de edifícios ou conjunto de edifícios, se defronta também, implícita ou explicitamente com o problema da correlação urbanística”<sup>1</sup>.

O projeto do antigo Banco do Estado da Guanabara (BEG), de 1963 construído em 1965 pela Companhia Construtora Nacional, marca um momento significativo na trajetória do arquiteto Henrique Ephim Mindlin (1911-1971). Realizado em colaboração com Giancarlo Palanti (1906-77), Walter L. Morrison (1926), Walmyr Lima Amaral (1931) e Marc D. Fondoukas, (1913-83) exigiu da equipe uma abordagem inovadora para as demandas programáticas e questões técnicas.

Henrique Mindlin, espécie de embaixador da arquitetura moderna brasileira no exterior, tornou-se mais conhecido pela sua publicação *Arquitetura Moderno Brasil* (1956), do que pela própria obra arquitetônica, a qual atribuiu à prática coletiva do escritório. Filho de judeus russos emigrados em fuga dos pogroms, Mindlin recebeu uma refinada educação, voltada para valores humanísticos e artísticos. Comunicava-se em sete idiomas, e teve ampla ação internacional, participando de diversas instituições. Sua associação com o italiano Palanti desde 1956, além do grego Fondoukas e do escocês Morrison traduz o caráter cosmopolita do grupo, e foi responsável por edifícios paradigmáticos do penúltimo quartel do século XX construídos na cidade do Rio de Janeiro.

Este trabalho analisa o edifício do BEG procurando compreendê-lo à luz do diálogo que Henrique Mindlin e seus associados estabeleceram com o debate internacional arquitetônico. Para avaliação do processo reflexivo do grupo, a obra em questão será comparada com outras de diferentes épocas do escritório, a saber: Edifício Avenida Central (1957) e Edifício-sede do Jornal do Brasil (1966-1973).

Na historiografia corrente, o edifício Avenida Central é frequentemente associado ao Estilo Internacional e à arquitetura de Mies van der Rohe, nos Estados Unidos. O edifício do BEG teve suas qualidades relacionadas ao *New Brutalism* inglês, e o Ed. Jornal do Brasil aprofunda as questões técnicas. Cada um dos três edifícios apresenta particularidades na relação com a cidade. A resposta às demandas programáticas, assim como as soluções técnicas propostas, sobretudo as estruturais, representam momentos de transformação da arquitetura moderna brasileira.

**Palavras-Chave:** Banco do Estado da Guanabara; Edifício avenida Central; Edifício-sede Jornal do Brasil;

## ABSTRACT

The project for the former Banco do Estado da Guanabara (BEG), of 1963, signifies an important moment in architect Henrique Mindlin's (1911-1971) career. Designed in collaboration with Giancarlo Palanti (1906-77), Walter L. Morrison (1926), Walmyr Lima Amaral (1931) e Marc D. Fondoukas, (1913-83) and built by the Companhia Construtora Nacional in 1965, the project required from the team innovative solutions to the programmatic and technical demands.

Henrique Mindlin, a sort of international ambassador of Brazilian architecture, was better-known for his book on Brazilian modernism than his architectural works, which he attributed to the collective effort of his office. Son of Russian-Jewish immigrants fleeing to Brazil from the *pogroms*, Mindlin received a high education, which included humanistic and artistic values. He spoke seven languages and was a member of several international institutions. His association with the Italian Palanti (since 1956), the Greek Fondoukas and the Scottish Morrison reflect the cosmopolitan character of the office, responsible for some paradigmatic buildings of the third quarter of the twentieth century in Rio de Janeiro.

The present work analyses the BEG building, relating it to the dialogue Mindlin and his associates kept with the international architectural debate. To further understand the team's process, the building is compared to two other works by the office: the Avenida Central building (1957) and the Jornal do Brasil headquarters (1966-1973).

Current historiography frequently associates the Avenida Central building with the International Style, particularly the architecture of Mies van der Rohe. The BEG, has been associated with British *New Brutalism*, while the Jornal do Brasil advances technical issues. Each of the three buildings presents peculiar issues in their relation to the city. The response to programmatic demands and the technical solutions proposed – structural, in particular – represent the transformative process in Brazilian modern architecture of the 1960's.

**Keywords:** Banco do Estado da Guanabara; Avenida Central Building; Jornal do Brasil' headquarters;

# Henrique E. Mindlin e Associados: a ética da eficiência e a escala da cidade

## Apresentação

A cidade do Rio de Janeiro, na década de 1960, foi marcada por fatores diversos que muito a distinguiram das anteriores. A perda da condição de capital para Brasília, a instauração da ditadura militar e o cerceamento da liberdade de expressão imposto pela mesma, somados, tiveram forte impacto sobre o país, mas sobretudo sobre a cidade. A partir da perda da capitalidade administrativa e também cultural, com o incremento de outros centros urbanos, impõe uma fase de derrocada e de infortúnio para a cidade sob diversos aspectos, sendo a produção da arquitetura e do urbanismo apenas um deles. Por se tratar de fenômeno recente e relativamente complexo, no âmbito da história da arquitetura, a produção dos anos sessenta e pós-sessenta ainda carece de estudos para sua melhor compreensão. A partir de meados dos anos sessenta, enquanto se processam, nos Estados Unidos e na Europa, conceitos e teorias sobre a pós-modernidade, a partir da crítica à modernidade, no Rio de Janeiro, em plena ditadura militar, ideais racionalistas e funcionalistas continuavam a ser desenvolvidos e aplicados em um tipo de modernidade tardia, ainda pouco estudada.

No caso do Brasil, a realidade político-econômica foi decisiva para os aspectos sócio-culturais. No campo das artes visuais, o debate prosseguiu e é perceptível na obra de vários artistas que ampliaram o campo, no sentido em que Rosalind Krauss (s/d) aponta como a ampliação das fronteiras entre as especificidades dos meios da arte. Instalações e performances foram meios de expressão de artistas como, os precursores Lygia Clark e Helio Oiticica, e Carlos Zilio, Antonio Dias e Lygia Pape, entre tantos outros. Esses artistas compreenderam e interpretaram as transformações do mundo contemporâneo, acompanhando o debate internacional e ampliando os problemas formais circunscritos à arte moderna dos anos anteriores.

No campo da arquitetura e do urbanismo, mais dependente e relacionado às condições econômicas e políticas vigentes, o debate concentrou-se na tecnicidade da atividade, por falta de outras possibilidades. Os grandes clientes estavam relacionados ao poder político vigente, o que deixava pouca margem para o desenvolvimento da pluralidade de interpretações, característica da pós-modernidade. A arquitetura e urbanismo ficaram, então, imprensados no limbo entre um projeto moderno inconcluso de construção nacional e as múltiplas vertentes que a pós-modernização descortinava. A arquitetura de qualidade da época foi produzida a partir das sólidas bases constituídas pelo Movimento Moderno no Brasil, e especialmente na cidade, entendimento que retardou ainda mais a crítica à modernidade.

Este trabalho situa-se dentro deste recorte temporal, entre as aspirações do projeto moderno construtivo de intelectuais das décadas de 1930 e 1940 e o incremento de vocabulário e procedimentos técnicos que levaram a posturas tecnicistas que esvaziaram o debate moderno

pós-setenta. Estudaremos esse segundo momento do movimento moderno, as décadas de 1950 e 1960.

O escritório de arquitetura e urbanismo Henrique E. Mindlin e Associados esteve, nas décadas de 1950 a 1980, entre os mais importantes do país, e foi protagonista, não somente na produção de edificações de grande monta e complexidade, mas também nos desígnios desse novo momento na arquitetura moderna na cidade. Mindlin e Associados acompanharam e produziram a verticalização da cidade e a introdução de programas variados em torres, e a transformação da escala urbana para a metropolitana, ocorrida a partir dos anos 1950.

O período compreendido entre 1950 e 1964 foi de penetração maciça do capital estrangeiro, e especialmente durante o governo de Juscelino Kubitschek (1955-1960), pela ideologia desenvolvimentista. A perspectiva da construção de "50 anos em 5" levou o país a um desenvolvimento econômico e infra-estrutural sem precedentes.

Henrique Mindlin participa deste processo não como a figura autoral que caracterizou a primeira geração de arquitetos modernos no Brasil, mas com o espírito de um líder e articulador de equipe, condizente com as premissas do trabalho em voga na época. Desafios complexos, compreendiam trabalhos em equipes multidisciplinares e especializadas, procedimento recorrente em setores produtivos e em campos de conhecimento distintos. Henrique Mindlin foi aquele que estabeleceu esses procedimentos no âmbito da arquitetura e do urbanismo entre nós, incorporando práticas internacionais que se tornaram bases das normas técnicas no Brasil (ABNT). Mindlin, espécie de embaixador da arquitetura moderna brasileira no exterior, foi também o embaixador da arquitetura norte-americana no Rio de Janeiro e, portanto, figura simbólica na introdução de capitais financeiros e culturais estrangeiros no Segundo Pós-Guerra.

Mindlin foi pioneiro sob diversos aspectos. Já, em 1956, instituiu uma sociedade com Giancarlo Palanti<sup>2</sup>, cobrindo assim as possibilidades de trabalho no Rio de Janeiro e em São Paulo. O fato de introduzir o trabalho em equipe foi o aspecto mais valorizado pela crítica, mas talvez não seja a sua principal contribuição. Há ainda outros pontos a serem considerados no legado de Mindlin: a crítica ao Formalismo, a valorização da profissão como ofício técnico na prancheta, a ênfase no programa de necessidades básicas, e a preocupação com a formação profissional.

Este trabalho concentrar-se-á em desenvolver as questões levantadas a partir da análise de três edificações que representam momentos distintos: Avenida Central (1957-59), edifícios-sedes do Banco do Estado da Guanabara (BEG), (1963-1965) e do Jornal do Brasil (1966-1973).

## **Prumadas de Circulação em Edifícios Altos e a questão do tipo**

Em 1962, Mindlin apresenta na Faculdade Nacional de Arquitetura, da Universidade do Brasil no Rio de Janeiro, a tese de Livre Docência da Cadeira de Composições de Arquitetura “Prumadas de Circulação em Edifícios Altos”. A tese de vinte páginas aponta a defasagem legislativa e técnica relacionada ao tema no contexto brasileiro, aborda a importância da prumada dentro do partido arquitetônico, identifica os elementos que compõem os sistemas e apresenta graficamente algumas variações tipológicas.

O argumento central é de que a prumada vertical é indissociável da solução das áreas úteis e fundamental na formulação do partido<sup>3</sup>: “a prumada de circulação está na origem do conceito do edifício desenvolvido em altura”.<sup>4</sup> Sua escolha requer o entendimento tipológico do edifício alto: suas variações e possibilidades. Mindlin inclui, entre os elementos que compõem a prumada, “halls, saguões e corredores”. Ela é determinante, não apenas do andar tipo, mas também na relação do térreo com a rua, ao abrir espaço para o Lobby. Apresenta, portanto, um entendimento sistêmico do partido em sua relação com as questões funcionais.

Não estamos diante de uma escolha tecnocrática, simplesmente, mas de uma leitura tipológica do problema em questão. Mindlin demonstra ter entendimento e visão do repertório de soluções disponíveis no quadro internacional moderno. A visão panorâmica do contexto histórico e a capacidade de organização tipológica haviam se manifestado na sua publicação *Modern Architecture in Brazil* (1956).<sup>5</sup> Este entendimento sistemático e metódico deve também ser visto como traço de personalidade de Mindlin e ajusta-se com propriedade ao momento histórico do final dos anos 1950, quando um conjunto suficiente, produzido na primeira metade do século XX, possibilitou a identificação (do ponto de vista técnico, estético e programático) de diferentes linhas de trabalho na arquitetura moderna.<sup>6</sup>

Observa-se que alguns dos projetos enfrentados pelo escritório continham programas novos ou em processo de consolidação, cujas características cabiam ao arquiteto ajudar a determinar. O domínio pleno das questões funcionais é um instrumento na identificação da capacidade do programa e sua flexibilidade, e não um fim em si mesmo. Os três grandes projetos aqui analisados contêm diferenças importantes entre si, ainda que pertençam à categoria do “edifício de escritórios”. São programas mistos em situações urbanas desafiadoras: o Edifício Central, um centro comercial e torre com salas de escritório; o BEG, uma agência bancária central com a possibilidade de salas para locação; e o Jornal do Brasil, uma editoria e gráfica que compunham programa misto de escritório e industrial.

A capacidade de análise tipológica e a visão do repertório moderno demonstradas por Mindlin adéquam-se, portanto, à abordagem do tema em sua tese. O estudo das prumadas antecipa questões que serão enfrentadas no desenvolvimento do Banco do Estado da Guanabara e que haviam sido importantes na concepção do Edifício Avenida Central. O domínio funcional conta com o repertório de experimentações, até a década de 1950, incluindo o desenvolvimento da

questão tectônica. Este segundo momento moderno – quando já havia uma produção suficiente para a observação de padrões, dentro da diversidade de soluções – tem na sistematização um instrumento fundamental. Assim, Mindlin alia o entendimento do tipo às suas características técnicas.

Novas questões de inserção da arquitetura no meio urbano também se mostram presentes nos exemplos estudados. Mindlin encontra-se entre o repertório moderno amplo, e em muitos aspectos consolidado, da primeira metade do século XX e os desafios do início dos anos 60, representados pela abordagem de alguns expoentes do brutalismo. O “retorno” à cidade, e às questões específicas do tecido consolidado, certamente está presente nos problemas que se apresentam nos três projetos.

### **Edifício Avenida Central**

Algumas características importantes do Edifício Central (1956) haviam sido determinadas pelo empreendedor antes do início do projeto. A opção pela estrutura em aço fora uma exigência do governo e visava promover seu uso na construção no Brasil, alavancando a recém-criada Siderúrgica Nacional em Volta Redonda, Rio de Janeiro.<sup>7</sup> O formato embasamento-torre acompanhava o projeto vizinho da Caixa Econômica Federal.<sup>8</sup> A modulação da torre do edifício estava atrelada ao tamanho típico das salas comerciais aceitas no mercado imobiliário e previamente vendidas. Assim, o espaçamento entre vãos teve de acomodar o módulo comercial e a metragem total vendida.<sup>9</sup>



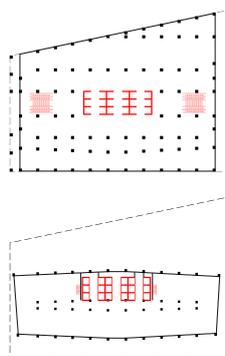
Ed.Avenida Central /Fonte: LAURD/PROURB/FAU/UFRJ/Foto: João Magnus Pires, 2013

Essas variáveis conformam um problema arquitetônico cuja complexidade vai além do domínio do tipo, e que se adequa bem ao perfil do escritório recém-criado, com sua equipe heterogênea. A abordagem coletivista não é uma simples contraposição ao personalismo, mas requer um equilíbrio orquestrado da equipe – a Mindlin deve-se a habilidade de compô-la. Desenha-se, portanto, o perfil do escritório e sua capacidade de equacionar problemas arquitetônicos de crescente complexidade.

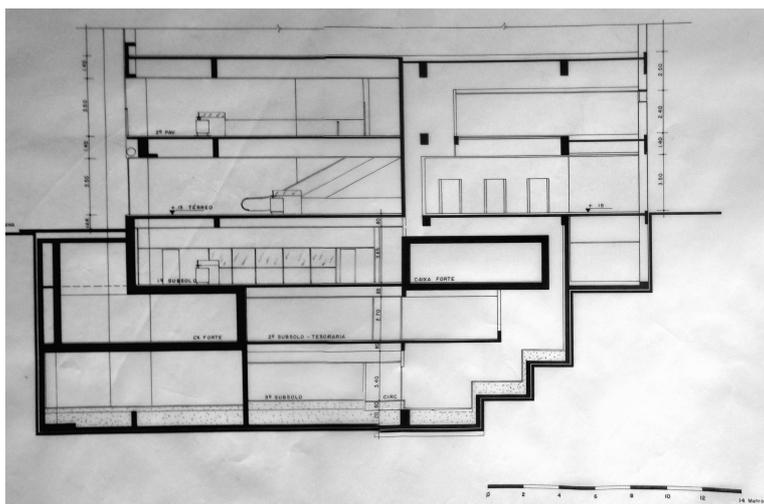
Um importante esforço de domínio da técnica e do entendimento das características do programa marca o desenvolvimento do projeto. A valorização do trabalho em equipe – apontada por diferentes autores como caráter central do escritório de Mindlin – está diretamente relacionada à capacidade de enfrentar a complexidade do programa e as peculiaridades do empreendimento. O uso do sistema de cortina de vidro (*curtain wall*) e da tecnologia da construção em aço estão entre os esforços importantes de domínio da técnica. O aço requer o revestimento de suas peças por questões de prevenção contra incêndio, enquanto o revestimento da fachada (*cladding*) constitui prática contemporânea de unidade estética e solução técnica.<sup>10</sup>



Ed. Avenida Central /Fonte: LAURD/PROURB/FAU/UFRJ/Foto: João Magnus Pires, 2013



Ed. Av. Central -Plantas do Térreo e pavimento tipo/Fonte: LAURD/PROURB/FAU/UFRJ/  
com marcação de estrutura e prumada de circulação



Ed. Avenida Central- Corte dos subsolos e térreo -Desenho original do escritório

Surge a percepção da relativa independência entre as partes do projeto exemplificada no tratamento da torre. Por questões anteriores ao desenvolvimento do projeto, a torre desvincula-se da divisão estrutural do embasamento através de grandes transferências de carga. Walmyr Amaral aponta a Torre Pirelli (1956) de Gio Ponti e Pier Luigi Nervi na Itália, com sua forma angulada, distanciando-se do prisma puro miesiano, como interesse da equipe no momento do projeto. Se, por um lado a tentativa de conceber uma torre angulada encontra limitações, em função da modulação da sala comercial e metragem estabelecida pelo empreendedor, por outro, observamos o entendimento da torre como um objeto que ganha independência dentro do projeto.

O Edifício Central apresenta a questão do domínio do tipo, a solução técnica e as predeterminações do cliente em toda sua complexidade. Observa-se, portanto, uma relação sistêmica da abordagem metodológica que vai além das variações entre componentes funcionais.

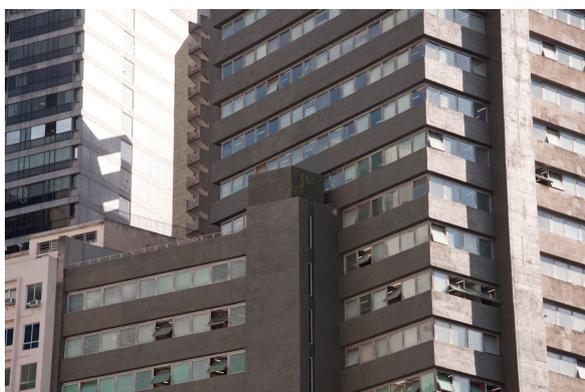
### **Edifício sede do Banco do estado da Guanabara (BEG)<sup>11</sup>**

O edifício do BEG foi um marco na história do escritório. Primeiramente porque, a partir da sua encomenda, foi criada oficialmente a sociedade civil em parceria com Palanti, que já existia de modo informal. O BEG foi realizado em co-autoria com Giancarlo Palanti (1906-77), Walter L. Morrison (1926), Walmyr Lima Amaral (1931) e Marc D. Fondoukas, (1913-83). Cada autor exercia sua especialidade. Morrison, escocês, com formação inglesa que incluía disciplinas sobre gestão de obras e escritórios; Fondoukas, grego, com experiência em instalações e estrutura; Mindlin, relações públicas do grupo, e todos eles desenvolvendo em colaboração o partido arquitetônico, segundo Walmyr Amaral também co-autor. No momento do projeto do BEG, a equipe já estava bem afinada, fato que se verificaria ainda mais no projeto da sede do Jornal do Brasil.

Outro ponto remarcável foi o prazo reduzido para projeto e execução, exigindo esforço máximo da equipe, que, ainda assim, propôs uma abordagem inovadora para as demandas programáticas e questões técnicas.

O projeto se caracteriza pelo equacionamento de questões técnicas diversas. O programa contém um conjunto de exigências relativas à sede do banco e a uma agência bancária central. Mindlin solicitara uma visita técnica da equipe a alguns edifícios americanos que continham problemas semelhantes. O Governo do Estado consentiu no envio de um grupo do qual fez parte Walmyr Amaral como representante do escritório. Em Nova York, visitaram arranha-céus como a Lever House e também obras de Paul Rudolf, de concreto aparente e arestas moldadas. Suas preferências concentravam-se nas obras de Skidmore, Owings and Merrill (S.O.M), alegando a racionalidade de suas soluções técnicas. No entanto, a crítica relacionou o edifício do BEG ao brutalismo inglês.<sup>12</sup>

A opção de localizar o ático técnico entra em consonância com a lógica aplicada ao partido arquitetônico, cuja premissa era o deslocamento da estrutura para a periferia do volume, permitindo a flexibilidade máxima da planta e concentrando os fluxos na variedade e no estudo das circulações verticais. Neste caso não foi diferente. Partindo da solução de quatro grandes pilares externos, que se transformaram em apenas dois grandes pilones (3x 2 metros), por sugestão engenhosa do calculista Paulo Fragoso, o restante da estrutura foi armado como vigas periféricas em U, que desenvolvidas atingem 1,90m. Com esta configuração, o edifício começou a ser construído simultaneamente para cima, e para baixo, em seus três subsolos, em fundação direta sem tubulação. A independência entre os pavimentos e a estrutura, permitiu que a agência bancária fosse inaugurada inicialmente, juntamente com o segundo subsolo que abriga o cofre forte, acessado por um elevador que transportava o carro forte do térreo até ele, cumprindo-se assim os prazos da campanha política.

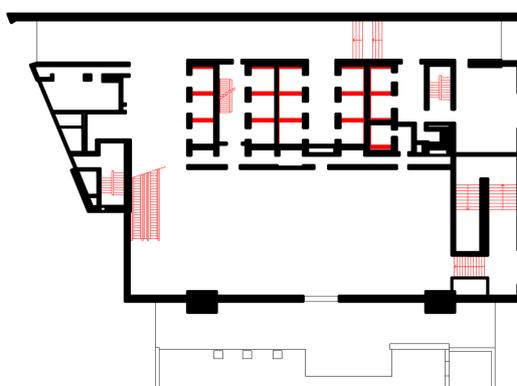


Vista do encontro do bloco lateral com a torre do Edifício do BEG/  
Fonte: LAURD/PROURB/FAU/UFRJ/Foto: João Magnus Pires, 2013

Projeto executivo e obra caminharam conjuntamente em um canteiro de 24 horas diárias. A viabilidade de execução conduzia as soluções, e não o contrário. A experiência anterior do

detalhamento diferenciado da estrutura do Avenida Central afastara a hipótese da construção em estrutura metálica. A opção pelo concreto armado na estrutura era inexorável.

Inicialmente, pensado com fachadas *curtain wall*, ao fim da estrutura pronta, o concreto armado “bruto” apresentou-se como uma possibilidade. O concreto bruto, entendido muitas vezes superficialmente como Brutalismo estava em voga. A unidade de Habitação de Marselha de Le Corbusier já contava com mais de dez anos, e o brutalismo de Paul Rudolph também era uma realidade aceita e admirada nos meios norte-americanos<sup>13</sup>. A estrutura bruta passa a ser encarada como parte do novo conceito de beleza. A solução para corrigir o não tratamento anterior das formas, foi o apicoamento. Curiosamente, os processos construtivos empregados, por mais que defendam o uso do standard, foram especificamente designados: esquadrias produzidas em série na Europa foram aqui feitas para o projeto, assim como as divisórias, e o sistema de trilhos de encaixe, e até as ferramentas necessárias para o apicoamento de milhares de metros quadrados distribuídos em 31 pavimentos e 3 subsolos. O edifício do BEG carrega as ambigüidades relativas ao problema de sistemas construtivos e a arquitetura moderna no Brasil, que na falta do desenvolvimento industrial compatível, adota procedimentos semi-artesanais. Possivelmente esta seja uma das "continuidades" com o passado a que Mindlin se refere no seu entendimento da história da arquitetura no Brasil no prefácio do seu livro.<sup>14</sup>



Planta do térreo/Fonte: LAURD/PROURB/FAU/UFRJ/

A situação urbana do BEG contrasta com o terreno livre onde foi projetado o Edifício Avenida Central, alguns anos antes. Trata-se de um terreno inserido na quadra fechada, com edifícios justapostos e plano contínuo das fachadas – uma conformação predominante no tecido urbano do centro do Rio de Janeiro. O terreno, uma borda trapezoidal e angulada no extremo da quadra, conforma uma esquina não-convencional, que arremata a quadra onde ela se torna mais estreita, ocupando inteiramente um de seus lados (de frente para a praça). Há, ainda, um desnível entre as

ruas México e Melvin Jones, que deve ser equacionado. A situação do terreno permitirá dar destaque ao objeto arquitetônico.

A opção pela verticalização e individualidade do objeto contém a carga simbólica do edifício alto moderno. O desafio que se apresentava era o de dar independência ao objeto inserido no contexto da quadra fechada. Esta abordagem deriva da leitura tipológica do repertório moderno: a relação entre características do tipo e a coerência do objeto.



Vista av. Nilo Peçanha com a Praça Melvin Jones abaixo e a torre do Edifício do BEG ao centro, e o edifício Avenida Central ao fundo/Fonte: LAURD/PROURB/FAU/UFRJ/Foto: João Magnus Pires, 2013

A capacidade simbólica da torre é defendida pelo escritório e justificada tanto pela importância do edifício público quanto pela proposta de “coroamento” da quadra tradicional. Sua concretização requer a quebra do gabarito previsto, a qual tem o apoio do poder público. Configura-se, portanto, uma solução heterodoxa, ao mesmo tempo atenta às condições específicas da quadra fechada e condicionada pela tipologia da torre moderna: cartesiana e independente.

Não há embasamento destacado, como no Edifício Central, ainda que haja uma diferenciação clara entre as funções alocadas na base (a agência bancária) e a torre de escritórios. Assim, a

torre chega “intacta” ao solo reforçando sua individualidade. Em um dado momento, pouco acima da metade de sua altura, desprende-se por completo e rompe com o gabarito homogêneo e contínuo da quadra na qual o edifício se insere. Isto se evidencia principalmente nas vistas laterais. A solução é engenhosa, mas não sem ambigüidade. Responde ao mesmo tempo à continuidade da quadra e à liberdade da torre. Tira vantagem da relativa independência do terreno e de sua situação pouco convencional dentro da quadra: uma solução complexa e trabalhada, mas que mantém uma simplicidade aparente. O esforço em resguardar o *tipo* – sua pureza e potência simbólica – em meio às peculiaridades da situação urbana e das exigências técnicas é testemunho da capacidade da equipe em equacionar o problema.

### **Edifício Sede do Jornal do Brasil**

Em palestra de 1945, na Escola de Engenharia Mackenzie, Mindlin demonstra ter plena consciência do momento histórico da arquitetura e da necessidade de transformação do campo: “é a arquitetura que deve se adaptar à vida, acompanhando-a na sua evolução”.<sup>15</sup> Este não é apenas o discurso que reafirma a contraposição entre o moderno e o acadêmico, mas a percepção de uma transformação contínua e interna ao modernismo. Mindlin ultrapassa os objetivos do primeiro modernismo, caracterizando-os como “uma revolta contra as formas falsas que resultavam do esquecimento ou da negação da técnica construtiva. Foi a fase de preocupações de ordem estética, o período da pesquisa de uma nova sensibilidade artística”.<sup>16</sup> Conclui, reafirmando a importância do problema arquitetônico como uma investigação aberta: “o arquiteto tem de se basear numa larga cultura geral, para saber apreciar as ramificações mais variadas, mais inesperadas de um problema”.<sup>17</sup>

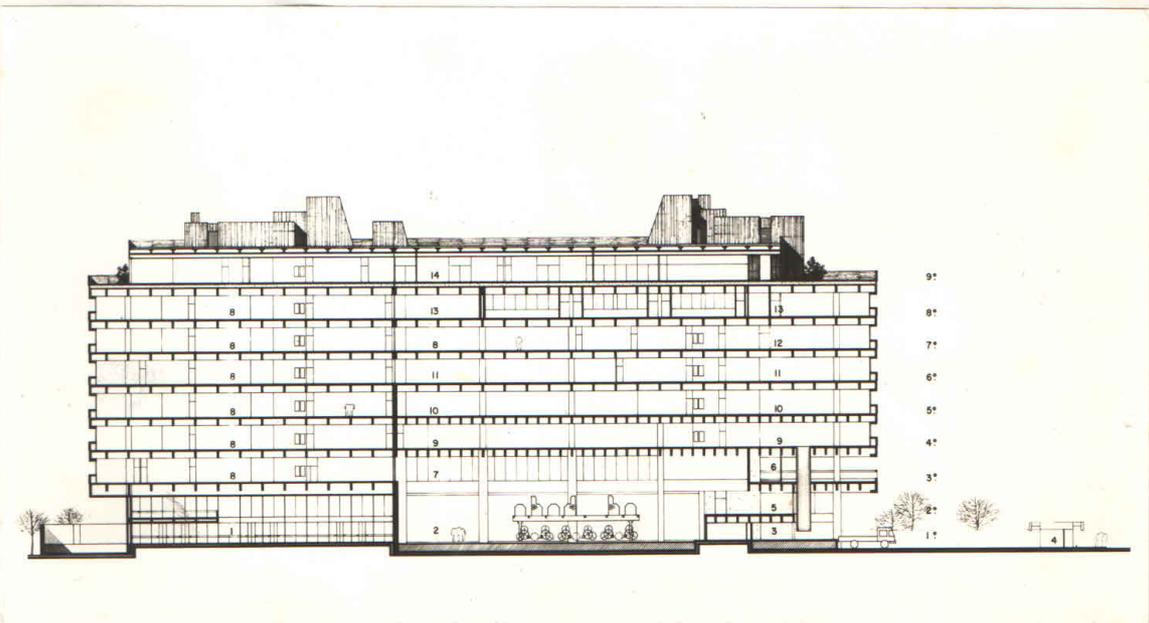
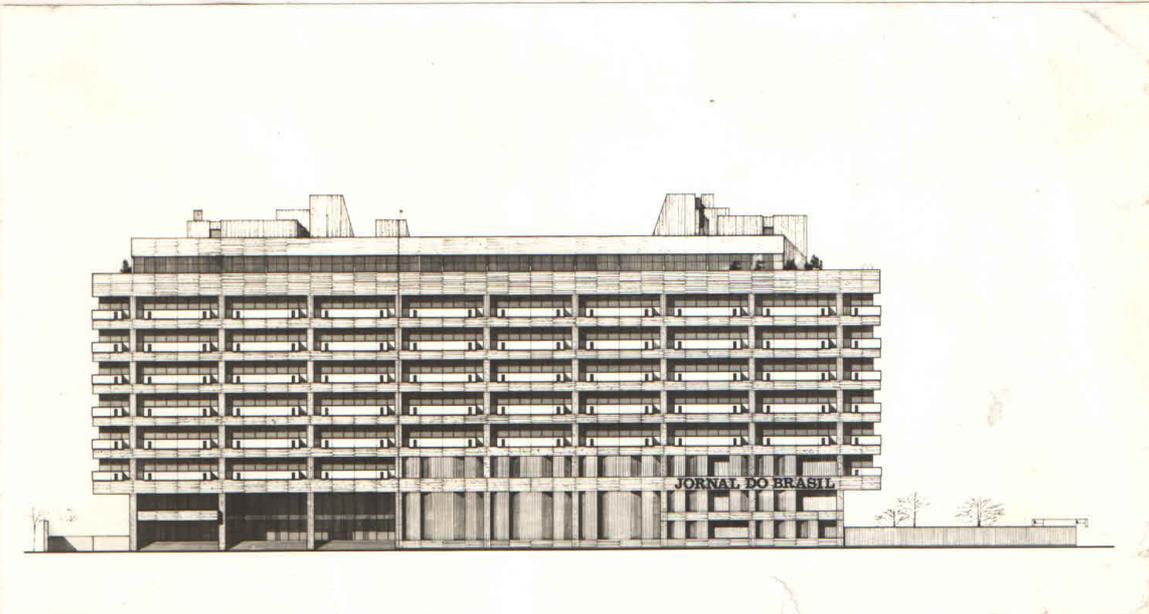
O projeto para o Jornal do Brasil reafirma a importância do partido como um momento de convergência e síntese arquitetônica.<sup>18</sup> Há a percepção de independência entre as partes da edificação na capacidade material, funcional e plástica. Esta nova postura reflete uma abordagem compositiva menos subordinada ao tipo. O recurso à tipologia da torre torna-se desnecessário e o volume horizontalizado ganha remarcável coordenação entre suas partes.

A estrutura, que se evidencia externamente, é coadjuvante da diferenciação das partes do projeto. Permite o tratamento distinto do fechamento externo dos espaços de editoria e da gráfica. As funções se evidenciam nas fachadas: o espaço industrial, com seu pé-direito elevado, relaciona-se com o exterior através de grandes painéis verticais de concreto. Os escritórios situam-se nas aberturas horizontais que dão ritmo à maior parte da superfície da fachada. Caixas brancas na fachada contêm armários técnicos que permitem controlar o fluxo do ar central para os diferentes andares, permitindo regular a vazão segundo a ocupação dos espaços.

Não estamos diante de uma estética funcionalista, no entanto. A sensação de verdade construtiva, defendida por Mindlin, não prescinde da liberdade plástica. Walmyr Amaral relata, por exemplo, o

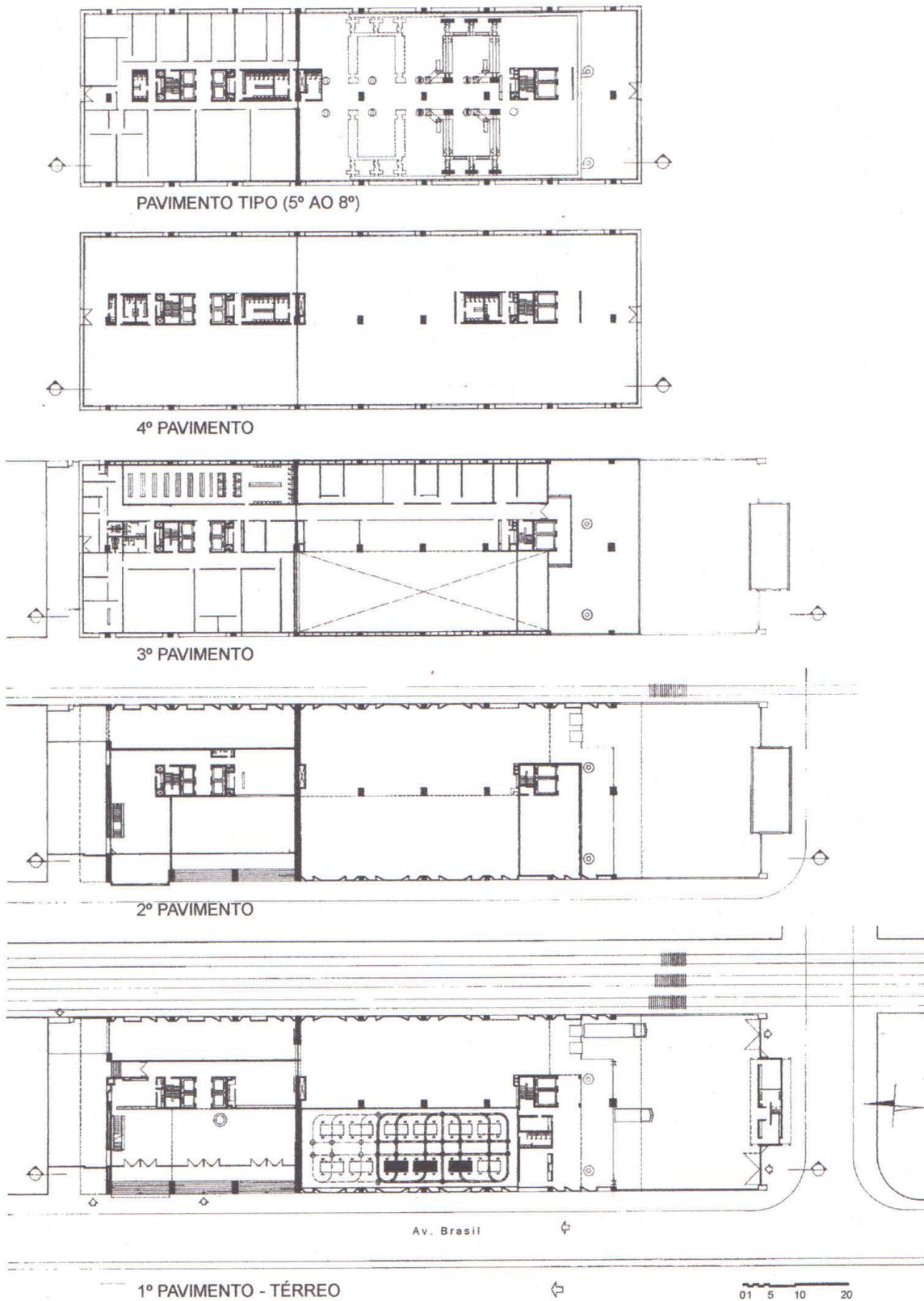
tratamento escultural dos volumes da cobertura, que ocupara os esforços de parte da equipe por um bom tempo. Percebe-se uma abordagem inventiva do problema, presente também nos aspectos funcionais. A estratégia afina-se, cada vez mais, com as “ramificações inesperadas” do problema arquitetônico.

O projeto para a sede do Jornal do Brasil demonstra o quanto o edifício de escritórios encontrava-se em plena transformação. O tema comporta programas inovadores, abertos à experimentação técnica e funcional. Ressalta-se, nessa conjuntura, o papel do arquiteto moderno na composição do programa, como tradutor do campo social e econômico. As diferenças entre os três projetos reafirmam o domínio de temas complexos pela equipe.



**JORNAL DO BRASIL - RJ**

Edifício sede Jornal do Brasil - Fachadas - Desenhos originais do escritório

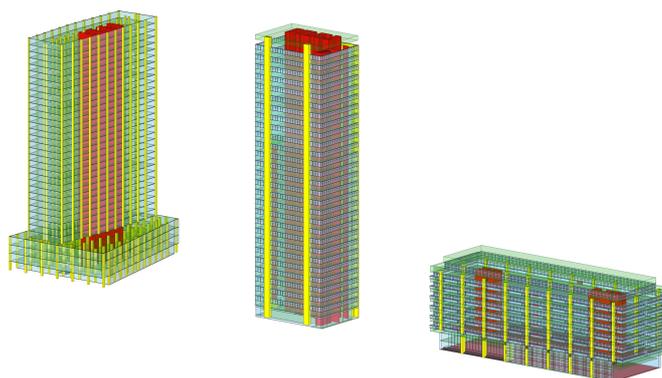


Edifício sede Jornal do Brasil - Fachadas - Desenhos originais do escritório

## Conclusão: a ética da eficiência e a escala da cidade

As premissas éticas de Mindlin e associados conjugavam os interesses dos dois protagonistas envolvidos: cliente e arquiteto. Para o cliente, equacionavam as necessidades pelo aprimoramento do programa, entre elas respeitavam o desejo da maior rentabilidade possível. Como já dito anteriormente, esse escritório de arquitetura soube corresponder às exigências do mercado e do capital à época. Sua cartela de clientes incluía grandes bancos nacionais e internacionais, redes hoteleiras e oito jornais de grande circulação.

No entanto, atendiam à clientela desde que não fosse comprometida a qualidade arquitetônica e princípios da própria profissão. Mindlin e Associados desenvolveram premissas técnico-estruturais para edifícios em altura que foram aplicadas e desenvolvidas em programas variados, a saber: estrutura localizada na periferia do volume, liberando o seu interior com a maior flexibilidade para implementação do programa; organização e distribuição das atividades e fluxos a partir das prumadas de circulação, localização dos equipamentos técnicos nos subsolos e nas coberturas. O emprego dessas premissas, liberavam os autores para a formulação dos problemas específicos de cada projeto, incluindo-se a relação e a interpretação do lugar no qual ele se insere. O edifício do Jornal do Brasil apresenta um passo adiante na revisão dessas premissas. Foi inaugurado em 1973, após o falecimento de Henrique Mindlin, em 1971, deixando em aberto a continuidade das reflexões iniciadas, e a sociedade que se mantém até os dias atuais.



Modelos comparativos dos edifícios em escala: Av. Central, BEG e Jornal do Brasil  
Fonte: LAURD/PROURB/FAU/UFRJ

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Banham, Reyner **El Brutalismo en Arquitectura. ¿Ética o Estética?** Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1967.

Czajkowski, Jorge. **Guia da Arquitetura Moderna no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Prefeitura da cidade do Rio de Janeiro/Casa da Palavra, 2000.

Judt, Tony. **Pós-guerra. Uma História da Europa desde 1945**. São Paulo: Ed. Objetiva, 2008.

Krauss, Rosalind. **A escultura no campo ampliado**. Gávea – Revista de História da Arte e Arquitetura. Rio de Janeiro: Curso de Especialização em História da Arte e Arquitetura no Brasil, PUC-Rio, n. 1, p. 87-93, [s. d.].

Mindlin, Henrique. **Arquitetura Moderna no Brasil**. [1956]. Rio de Janeiro, Aeroplano, 1999

Mindlin, Henrique. **Prumadas de circulações em edifícios altos**. Tese apresentada para a Docência Livre da Cadeira de Grandes Composições de Arquitetura. Faculdade Nacional de Arquitetura, Rio de Janeiro, 1962.

Nobre, Ana Luiza **Profissão: Arquiteto** in: <http://www.revistaau.com.br/arquitetura-urbanismo/90/profissao-arquiteto-24330-1.asp>

Pereira, Marcel Cadaval. **Henrique Ephim Mindlin: o caminho de uma expressão**. Dissertação de mestrado. PROARQ/FAU/UFRJ, 2005.

Segre, Roberto. **A massa falida da arquitetura carioca A descaracterização do Jornal do Brasil de Henrique Mindlin** in: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/drops/09.026/1787>

Yoshida, Celia Ballario et al. **Henrique Ephim Mindlin. O homem e o arquiteto**. São Paulo: Instituto Roberto Simonsen, 1975.

## Notas

---

<sup>1</sup> Henrique Mindlin, in: Yoshida, 1975, p. 149.

<sup>2</sup> A sociedade só foi oficializada em 1963, Henrique Mindlin, Giancarlo Palanti e Arquitetos Associados s.c. Ltda . por conta do projeto do BEG, e alterada em 1966, com a saída de Palanti.

<sup>3</sup> Mindlin, 1962, p. 3.

<sup>4</sup> Mindlin, 1962, p. 1.

<sup>5</sup> Abordagem semelhante pode ser observada nos esforços teóricos de Lucio Costa, primeiro sobre o arcabouço colonial brasileiro e, posteriormente (como método) no esforço de entendimento da produção moderna, principalmente de Le Corbusier.

<sup>6</sup> Mindlin apresentou em seu livro em um panorama completo, e não uma continuidade do livro de Philip Goodwin, como havia sido previsto.

<sup>7</sup> O Edifício Central une-se ao projeto do IPEG (1957) de Affonso E. Reidy no Rio de Janeiro, como um dos poucos exemplares de edifício em altura brasileiro a usar o aço como elemento construtivo principal.

<sup>8</sup> Segundo Walmyr Amaral, o edifício sede da Caixa Econômica foi projetado antes do Ed. Avenida Central, pois já conheciam o projeto à época. No entanto sua construção data de 1971. Projeto de Ney Fortes Gonçalves, J. A. Ortigão Tiedemann e Paulo Cardoso Mourão

<sup>9</sup> Entrevista realizada pelos autores com Walmyr Lima Amaral e Pedro Augusto Vasques Franco em 08/08/2013 na sede de Henrique Mindlin Arquitetos Associados no Rio de Janeiro.

<sup>10</sup> Ao contrário da crítica, que vê no revestimento a falta de pureza no tratamento da estrutura em aço, as soluções estão em consonância com a técnica corrente, podendo ser observadas na própria arquitetura de Mies van der Rohe – apesar do efeito purista.

<sup>11</sup> Construído inicialmente para abrigar o antigo Banco do Estado da Guanabara, abrigou seu sucessor, o Banco do Estado do Rio de Janeiro, e atualmente abriga as Secretarias do Governo do Estado do Rio de Janeiro, nomeado Edifício Lucio Costa. Situa-se à Rua Nilo Peçanha nr. 175, no Centro do Rio de Janeiro.

<sup>12</sup> Czajkowski, 2000, "Arremata toda a composição um ático de uso técnico, onde equipamentos do sistema de ar condicionado e guias de manutenção e limpeza integram o conceito estético, a exemplo do *new brutalism* britânico", p. 40.

<sup>13</sup> Ver [www.arquiteturabrutalista.com.br](http://www.arquiteturabrutalista.com.br)

<sup>14</sup> Mindlin, 1999 [1956]

<sup>15</sup> Mindlin in: Yoshida, 1975, p. 166.

<sup>16</sup> Mindlin in: Yoshida, 1975, p. 168.

<sup>17</sup> Mindlin in: Yoshida, 1975, p. 170.

<sup>18</sup> "Resta a síntese arquitetural, a intuição da solução que há de integrar os aspectos funcionais, técnicos e psicológicos do problema. Resta coordenar todos os elementos esparsos em uma unidade de concepção, em um 'partido' arquitetural que seja a soma e a destilação de todos os fatores". Mindlin in: Yoshida, 1975, p. 170.